



Foto: Fernando Taylor

D. Maria, mãe de Careli, é abraçada pela ex-diretora Ilma Noronha

Careli em nossos corações e mentes

Justiça, finalmente, reconhece morte de Careli

Depois de quase 20 anos do desaparecimento de Jorge Careli, foi averbada, finalmente, em 22 de fevereiro, a morte presumida do servidor da Fundação Oswaldo Cruz. O documento, registrado no cartório do 11º registro civil de pessoas naturais da comarca da capital do Rio de Janeiro, equivale à certidão de óbito. Com isso, fechou-se um ciclo de um dos embates mais emblemáticos da história da Asfoc-SN.

No dia 8 de março, amigos, diretores e ex-dirigentes do Sindicato participaram da cerimônia pública de entrega do documento aos familiares de Careli. Emocionada, a vice-presidente da Asfoc, Justa Helena Franco, leu uma carta (box) aos parentes de Jorge lembrando os longos anos de luta e o compromisso assumido pelo Sindicato. E imaginou: “Penso que ele está em algum lugar muito especial, abrindo aquele imenso sorriso que conhecemos muito bem e dizendo: “Aí, pessoal, valeu!”.

A ex-diretora-geral do Sindicato Ilma Noronha, que entregou o documento à mãe de Careli, disse que se sente parte da família. “Jorge representa a relação de solidariedade, amor, afeto e cumplicidade construída na Fiocruz. Por isso, me considero filha de dona Maria e irmã de Careli”.

Rogério Lannes Rocha, ex-presidente da Asfoc, lembrou como abraçou a causa. “Os diretores do Sindicato e da direção da Fiocruz naquela época compraram essa briga e me senti confortavelmente obrigado a dar continuidade, como se fosse

assunto da minha família, da minha história, representar os trabalhadores desta casa”.

Dois fatos sobre o caso foram marcantes para o ex-diretor-geral da Asfoc Álvaro Nascimento: o medo que sentia ao deixar a sede da Secretaria de Segurança, à noite, no Centro do Rio, e o comportamento do pai de Careli em toda a situação. “Tinha firmeza para exigir explicações do Estado e, poucos minutos depois, era uma pessoa agradável, alegre e divertida. A participação dele em todo processo foi fundamental. Ele nos mantinha com disposição e força”.

O presidente do Sindicato, Paulo Garrido, falou da importância do caso Careli em sua vida. “Essa história de luta me fortaleceu e me levou para outra, a da militância pelos direitos humanos”.

Amigo de Careli, Marcelo Radar lembrou um fato que arrancou risos dos convidados. Jorge queria que Marcelo se casasse e atacou de cupido. “Estou casado há 16 anos com a mulher apresentada por ele. Tenho dois filhos, um deles batizado com o nome Jorge, em homenagem ao meu amigo”.

Falando em nome da família Careli, Valmir do Amorim agradeceu o empenho dos amigos, dos dirigentes da Asfoc e da Fiocruz. “Se não fossem essas pessoas, não conseguiríamos chegar hoje até aqui para receber este documento”, lembrou.

Diretor de Legislação e Assuntos Jurídicos do Sindicato e chefe de Careli naquela ocasião, Jorge Santos da Hora lembrou algumas características de sua personalidade.

Carelinho, como algumas pessoas lhe chamavam carinhosamente, era “brincalhão, risonho, feliz”. “Existia uma criança dentro dele. Transmitia uma aura de segurança, tranquilidade... Era uma pessoa iluminada!”, lembrou o diretor, acrescentando que um ciclo foi vencido e o Sindicato está se preparando para as próximas etapas.

O Departamento Jurídico da Asfoc, junto à Fiocruz, estuda todas as possibilidades legais, como um provável passivo trabalhista, auxílios pendentes, pecúlio etc.

Entenda o caso - Em 10 de agosto de 1993, Careli foi levado por policiais da Divisão Anti-Sequestro quando falava de um orelhão público na favela da Varginha, ao lado da Fiocruz. Confundido com um sequestrador, Careli, morador da comunidade do Amorim, também vizinha à Fundação, foi espancado, torturado e nunca mais apareceu. Na ocasião, a comunidade Fiocruz se mobilizou e organizou diversos atos públicos, sempre cobrando das autoridades a responsabilidade por seu desaparecimento.

No julgamento, o Estado foi responsabilizado, mas, infelizmente, por falta de provas, os 22 policiais apontados como responsáveis pelo sequestro foram absolvidos.

Em 2004, a Asfoc assumiu o processo para representar os interesses da família. Quase 10 anos depois, finalmente foi expedido um documento ratificando o óbito do trabalhador da Fiocruz, desejo antigo da família e, principalmente, da mãe, Maria Careli.

Nesta semana, nós, diretores da Asfoc, vivemos um dilema. Qual a melhor forma de fazermos a entrega da certidão de morte presumida para a família de Careli? Porque sabíamos da contradição deste momento. Ao mesmo tempo em que confirmamos uma morte legalmente, sabemos que este ato é esperado e desejado, e que também é o cumprimento de um compromisso que nosso Sindicato assumiu com a família.

Optamos por este encontro, onde estivessem presentes a diretoria da Asfoc-SN, ex-diretores, os amigos e todos os que se envolveram na luta por encontrar Careli, além de sua família e sua mãe, dona Maria.

Queríamos um encontro em que pudéssemos receber, acolher e confortar essa mulher sofrida, forte e ao mesmo tempo muito frágil. Um encontro respeitoso e carinhoso.

E aqui estamos todos juntos, cumprindo este rito.

Onde está Careli?

Esta pergunta repetida dezena, centena de vezes, sabemos sem resposta. Mas também sabemos que ela foi e será um marco de nossa luta para protestar contra a indiferença de um Estado que deveria proteger seus cidadãos e não o faz, uma luta contra as injustiças e pelos direitos humanos, que retratamos na Medalha Careli.

Uma luta com a nossa cara.

Onde está Careli? Onde está Careli?

Tenho um palpite. Penso que ele está em algum lugar muito especial, abrindo aquele imenso sorriso que conhecemos muito bem e dizendo:

“Aí, pessoal, valeu!”.